

Thaynara Henrique

**'O homem-moça',  
um conto de Guy de  
Maupassant**

Quantas vezes ouvimos dizer: “Esse homem é charmoso; mas é uma moça, uma verdadeira moça”. Queremos falar do homem-moça<sup>1</sup>, a peste de nosso país.

Pois, na França, somos todos homens-moças; isto é, incertos, capciosos, inocentemente pérfidos, sem persistência nas convicções nem na vontade, violentos e fracos como mulheres.

Mas o mais irritante dos homens-moças é certamente o parisiense e o *boulevardier*<sup>2</sup>, cujas aparências de inteligência são mais marcadas e que reúne em si, exagerados por seu temperamento, todas as seduções e todos os defeitos das charmosas desavergonhadas.

Nossa câmara de deputados é povoada de homens-moças. Eles ali formam o grande partido dos oportunistas adoráveis que poderíamos chamar “os encantadores”. São aqueles que governam com palavras doces e promessas enganosas, que sabem apertar as mãos de maneira a cativar os corações, dizer “meu caro amigo” de uma certa maneira delicada às pessoas que eles menos conhecem, mudar de opinião sem sequer duvidar, se exaltar com toda ideia nova, ser sincero em suas crenças de cata-vento, se deixar enganar como enganam a si mesmos, não mais se lembrar, no dia seguinte, daquilo que afirmavam no dia anterior.

Os jornais estão cheios de homens-moças. Talvez seja lá que encontremos a maior quantidade deles, mas é lá também que eles são mais necessários. É preciso excetuar alguns órgãos, como *Les Débats* ou *La Gazette de France*<sup>3</sup>.

Certamente, todo bom jornalista deve ser um pouco moça, isto é, às ordens do público, maleável para seguir inconscientemente as nuances da opinião corrente, sinuoso e diverso, cético e crédulo, maléfico e dedicado, brincalhão e prudente, entusiasta e irônico, sempre convencido sem crer em nada.

---

\* **Thaynara Henrique** – Mestranda em Literatura pela Universidade de Brasília.

<sup>1</sup> Nota da tradutora (N.T.): Crônica publicada em 13 de março de 1883 no jornal *Gil Blas*, integrando mais tarde, em 1886, a antologia de novelas intitulada *Toine*. Existem variantes do texto, publicadas em outras revistas e jornais da época. Nenhuma edição definitiva de *L'Homme-fille* tendo sido estabelecida enquanto Maupassant era vivo, a tradução aqui apresentada advém do texto da última edição em antologia, publicada anteriormente ao falecimento de Maupassant.

<sup>2</sup> N.T. Termo pejorativo relativo ao estilo de vida dos homens que frequentavam em demasia os vários estabelecimentos dos grandes bulevares de Paris.

<sup>3</sup> N.T. *Les débats* foi um jornal francês republicano e conservador, fundado em 1789, por Gaultier de Biauzat, que notificava sobre os debates e decretos da época. Já *La Gazette de France*, um dos mais antigos jornais com publicações que datam de 1631, foi editado por Théophraste Renaudot e também seguia a linha conservadora. Ambos os periódicos eram célebres como disseminadores do tédio que circundava o século.

Os estrangeiros, nossos antítipos como dizia a sra. Abel<sup>4</sup>, os ingleses tenazes e os opressivos alemães, nos consideram e nos considerarão até o fim dos séculos, com certo espanto misturado com desprezo. Eles nos tratam de frívolos. Não é isso, somos moças. E eis porque nos amam apesar de nossos defeitos, porque retornam a nós apesar do mal que dizem a nosso respeito; são querelas de amor!...

O homem-moça, tal como o encontramos no mundo, é tão charmoso que te capta em uma prosa de cinco minutos. Seu sorriso parece feito para você; não se pode pensar que a voz dele não tenha, em sua atenção, entonações particularmente amáveis. Quando ele te deixa, acredita-se conhecê-lo há vinte anos. Está-se totalmente disposto a lhe emprestar dinheiro, se ele com você reclamar. Ele te seduziu como a uma mulher.

Se ele tem para com você métodos duvidosos, não se pode guardar rancor, de tão gentil ele é quando o revemos! Ele se desculpa? Temos vontade de pedir-lhe perdão! Ele mente? Não podemos em ele acreditar! Ele te ludibria indefinidamente com promessas sempre falsas? Somos-lhe gratos por suas promessas, tanto quanto se ele tivesse agitado o mundo para nos fazer um favor.

Quando ele admira alguma coisa, se extasia com expressões tão sentidas que te lança na alma suas convicções. Ele adorou Victor Hugo, que hoje ele xinga de caduco. Ele teria lutado por Zola, que ele abandona por Barbey d'Aurevilly. E quando ele admira, não admite as restrições; e te esbofetearia por uma palavra, mas quando começa a desprezar, ele não conhece mais os limites em seu desdém e não aceita que se proteste.

Em suma, ele não compreende nada.

Escutem duas moças proseando: "Então, você está com raiva da Julia? – Acredito em você, dei um tapa na cara dela. – O que ela lhe fez? – Ela disse a Pauline que eu estava na miséria treze meses sobre doze. E Pauline repassou para Gontran. Você compreende? – Vocês moravam juntas, rua Clauzel? – Moramos juntas, já se fazem quatro anos, na rua Bréda; depois, desentendemo-nos por conta de um par de meias três-quartos que ela alegou que eu tinha colocado – não era verdade – meias de seda que ela tinha comprado com a mãe Martin. Então, eu lhe dei uma sova. E ela me deixou,

---

<sup>4</sup> N.T. Há controvérsias quanto à origem referencial de Senhora Abel [Mme Abel]. Considerando a temática do conto, a referência pode concernir, na verdade, um pintor neoclassicista francês, conhecido como Alexandre-Denis-Abel de Pujol (1785-1861), ou apenas Abel de Pujol. Outra possibilidade, que leva em observação as leituras do autor é que, utilizando-se do primeiro nome, ele tenha feito referência a Abel Hermant (1862-1950), célebre escritor e dramaturgo francês.

após isso. Eu a reencontrei tem seis meses e ela me pediu para ir na casa dela, visto que ela tinha alugado um caixote duas vezes maior.”

Não escutamos o resto, passamos.

Mas como vamos no domingo seguinte a Saint-Germain, duas jovens mulheres sobem no mesmo vagão. Reconhecemos uma de imediato, a inimiga de Julia. – A outra?... É Julia!

E são carícias, ternuras, projetos. “Diz então, Julia. – Escuta, Julia, etc.”

O homem-moça tem amizades dessa natureza. Durante três meses ele não pode deixar seu velho Jacques, seu caro Jacques. Para ele, só existe Jacques no mundo. Apenas ele tem espírito, bom senso, talento. Apenas ele é alguém em Paris. Os encontramos em todos os lugares, eles jantam juntos, andam juntos pelas ruas, e toda noite se acompanham dez vezes da porta de um à porta do outro, sem se decidir a se separar.

Três meses mais tarde, se se fala de Jacques:

“Eis aí um crápula, um mordaz, um patife. Aprendi a conhecê-lo, vai. – E nem mesmo honesto, e mal-educado, etc., etc.”

Três meses depois, eles ainda estão morando juntos; mas, uma manhã, soubemos que lutaram em duelo, em seguida se abraçaram chorando no local da luta.

Eles são, aliás, os melhores amigos do mundo, metade do ano adversários mortais, se caluniando e se estimando alternadamente, em profusão, apertando as mãos até quebrar os ossos e prontos para dar um soco a perfurar o estômago por conta de uma palavra mal entendida.

Pois as relações dos homens-moças são incertas, seu humor é aos trancos, sua exaltação é cheia de surpresas, sua ternura é volta-face, seu entusiasmo intermitente. Um dia eles te estimam, no outro eles te olham com pena, pois eles têm, em suma, uma natureza de moças, um charme de moças, um temperamento de moças; e todos os seus sentimentos se assemelham ao amor das moças.

Eles tratam seus amigos como as desavergonhadas tratam seus cachorrinhos.

É o pequeno totó adorado que beijamos loucamente, que alimentamos com açúcar, que deixamos dormir sobre o travesseiro da cama, mas que lançaremos instantaneamente pela janela em um movimento de impaciência, que fazemos girar como uma funda segurando-o pelo rabo, que apertamos nos braços até estrangulá-lo e que mergulhamos, sem razão, em um balde de água fria.

Por isso, que estranho espetáculo é o das ternuras de uma verdadeira moça e de um homem-moça. Ele a surra e ela o arranha, eles se execram, não podem se ver e não podem se deixar, agarrados um ao outro por não se sabe quais elos misteriosos do coração. Ela o trai e ele o sabe, soluça e perdoa. Ele aceita a cama que paga um outro, e se acredita, de boa fé, irrepreensível. Ele a despreza e a adora sem distinguir que ela teria o direito de lhe devolver seu desprezo. Todos os dois sofrem atrozmente um pelo outro sem poder se desunir; da manhã à noite, eles se jogam na cara enxurradas de injúrias e repreensões, acusações abomináveis, depois nervosos ao excesso, vibrantes de raiva e de ódio, eles caem nos braços um do outro e se apertam perdidamente, misturando suas bocas trêmulas e suas almas de devassas.

O homem-moça é bravo e covarde ao mesmo tempo; ele tem, mais que qualquer outro, o sentimento exaltado da honra, mas lhe falta o sentido da simples honestidade, e, as circunstâncias ajudando, terá falhas e cometerá infâmias das quais ele não se dará conta; pois obedece, sem discernimento, às oscilações de seu pensamento sempre treinado.

Trair um fornecedor lhe parecerá algo permitido e quase ordenado. Para ele, não pagar suas dívidas é honorável, a menos que elas não sejam de jogo, isto é, um pouco suspeitas; ele fará otários em certas condições que a lei do mundo admite; se ele se encontra com pouco dinheiro, ele tomará emprestado por todos os meios, sem ter nenhum escrúpulo de ludibriar um pouco os emprestadores; mas ele mataria de um golpe de espada, com uma indignação sincera, o homem que tão somente o suspeitasse de faltar com a delicadeza.



## REFERÊNCIA

MAUPASSANT, Guy (de). L'Homme-Fille. **Contes parisiens**. Textes choisis, présentés et annotés par Marie-Claire Bancquart. Paris : Livre de Poche, 2004. Coll. « La Pochothèque ». p. 372-379.